

HORTAS E QUINTAIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL PARA A CONSERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO AMBIENTAL

Marcelo Nehme¹

Ronaldo G. Oliveira²

Caroline Lessa de Almeida³

Luci M.M. Bonini⁴

Renata Jimenez de Almeida Scabbia⁵

Recursos Naturais

RESUMO

O estilo de vida saudável divulgado entre as mídias sociais, favorece o cultivo de pequenas hortas e jardins para consumo de alimentos sem produtos químicos. O objetivo deste estudo é levantar o uso e o conhecimento de plantas alimentícias pela população no Alto Tietê, no estado de São Paulo, proveniente de hortas e quintais. Trata-se de estudo de natureza exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa e corte transversal. O presente trabalho seguiu os seguintes passos: revisão da literatura, aplicação do questionário, coleta de dados e análise e discussão dos resultados. Os dados indicaram uma inexistência de retirada de alimentos das matas, e exploração de espaços urbanos mostrando um novo estilo de consumo, de plantas in natura e produzidas de forma mais saudável.

Palavras-chave: Mata Atlântica; Plantas Nativas; Jardim; Patrimônio Material.

INTRODUÇÃO

Os quintais urbanos correspondem às áreas verdes domiciliares dentro dos limites urbanos e têm o potencial de fornecer às famílias uma alternativa barata para a melhoria da dieta e complementação da renda familiar, pela venda de itens produzidos nesse espaço (EICHEMBERG & AMOROZO, 2013). Além disso podem ser considerados relevantes depositários de germoplasma, segurança alimentar, estético e cultural (AMOROZO, 2002). Para Freire et al. (2005) o quintal é um laboratório da vida no contexto da agricultura familiar, enquanto que para Oakley (2004), a conservação dos quintais é uma responsabilidade cultural.

A identidade de uma sociedade é baseada na sua diversidade cultural, ou seja, é caracterizada pelos diversos tipos de culturas que um povo segue, como a religião, as crenças, o conhecimento, a lei, a moral, a culinária, as línguas e todos os costumes e hábitos adquiridos pelo homem se encaixam nesse contexto.

1Mestrando em Políticas Públicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC),

2Mestrando em Engenharia Biomédica pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC),

3Bolsista Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Núcleo de Ciências Ambientais, Laboratório de Sustentabilidade e Florística. carollessabiol@hotmail.com

4Prof. Dra., Departamento do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas. lucibonini@umc.br

5Prof. Dra., Departamento do Núcleo de Ciências Ambientais, Laboratório de Sustentabilidade e Florística.. renatascabbia@umc.br

No entanto, está sendo cada vez mais difícil discutir essas questões culturais em um mundo que sofre com a intensa globalização, já que esse processo gera uma ameaça à uniformidade e homogeneidade cultural (UNESCO, 2009).

Face as grandes transformações culturais e aqui observadas principalmente no meio rural, Kruger e Shannon (2000), afirmam que a partir de uma conexão cognitiva a identidade cultural dessas comunidades não sofrem em sua intensidade, mas sim em seu processo.

Conforme observado por Herrero-Jaurequiet al. (2011) o desenvolvimento local deve ser oriundo de iniciativas planejadas, que visam conciliar os objetivos de conservação e crescimento no âmbito da comunidade local. Tal preocupação se dá face a complexidade de fatores para a potencial inserção nas cadeias de consumo.

O cultivo de alimentos na forma de horta e jardins fora ou dentro de casa possui duas vertentes distintas, uma relacionada ao estilo de vida saudável, propagado pelas mídias sociais e outra como meio de subsistência, diminuindo gastos e melhorando a qualidade dos produtos consumidos, esta última associada aos termos antigos destinados a agricultura familiar, conhecidos como agricultura de baixa renda ou de subsistência (DALMORO *et al.*, 2017).

Nesse contexto o conhecimento sobre as plantas, principalmente utilizadas como alimento e medicamento, é primordial, para a sobrevivência do ser humano. Esse patrimônio imaterial vem se perdendo, diante dos processos de globalização e urbanização.

O objetivo deste estudo é levantar o uso e o conhecimento de plantas alimentícias pela população no Alto Tietê, no estado de São Paulo, proveniente de hortas e quintais.

MÉTODO

Este estudo é de natureza exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa e corte transversal. Elaborou-se uma revisão de literatura e um questionário que foi aplicado com sujeitos maiores de 18 anos, moradores na região do Alto Tietê, estado de São Paulo.

A coleta de dados foi realizada em espaços públicos. Os participantes foram abordados e convidados a responder a um questionário, e quando aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

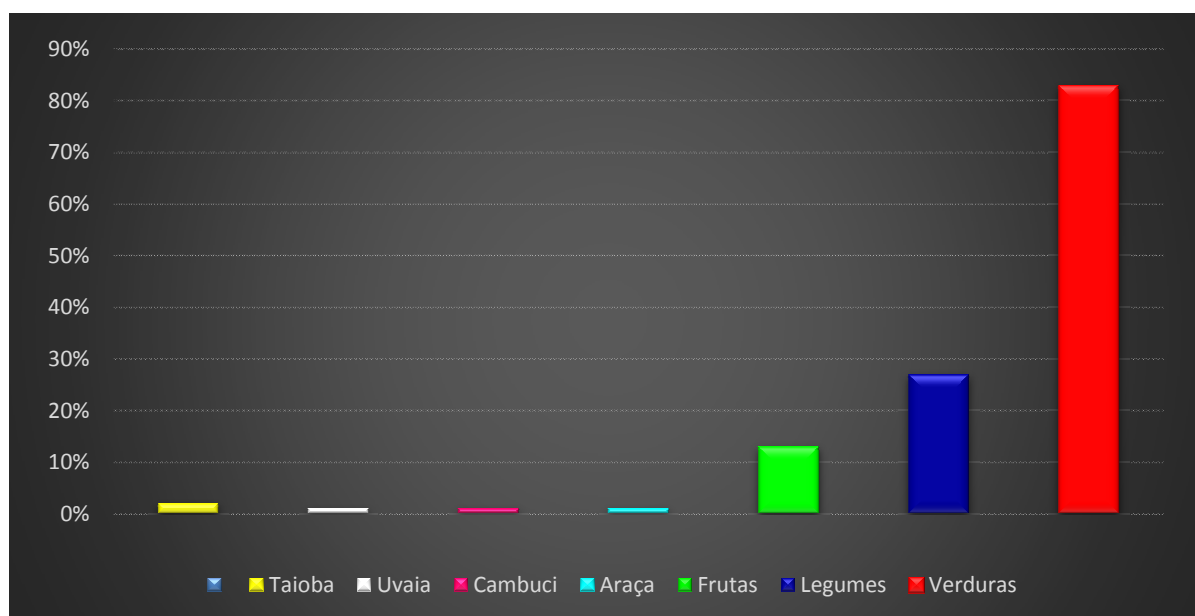
Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, da Universidade de Mogi das Cruzes, sob parecer de número 2.555.492.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram da pesquisa 87 sujeitos distribuídos: gênero masculino 27, gênero feminino 60. As idades variaram entre 18 e 78 anos.

A relação entre as plantas nativas encontradas na Mata Atlântica e que são consumidas por moradores da cidade de Mogi das Cruzes foi baixa, sendo que apenas 2% consomem a taioba e 1% dos entrevistados consomem a uvaia, o cambuci e o araçá. Se por um lado o consumo de plantas nativas é baixo, quase 70% possui algum tipo de possibilidade de plantio e consumo, principalmente de verduras, consumida por 83% dos indivíduos, seguido de 27% de consumo de legumes e 21% de frutas (figura 1).

Figura 1. Consumo de alimentos, no Alto Tietê, estado de São Paulo.



O elevado nível de consumo de verduras, principalmente as hortaliças como, salsa, cebolinha, coentro, manjericão, alface, taioba, couve e ora-pro-nóbis, possui forte relação com o plantio de temperos utilizados nos pratos diários e de fácil cultivo, pois pode ser desenvolvido em espaços reduzidos e pequenos vasos.

A demanda na utilização destes condimentos está expressa por 61% dos entrevistados que possuem alguns dos espaços mencionados. Há que se destacar que 26% dos participantes tem disponibilidade de horta, jardim e mata, a grande maioria, 52%, possui horta e jardim, as espécies nativas consumidas foram providas 100% destas duas possibilidades de cultivo, isso acena com a possibilidade de mesmo que haja um baixo consumo, não esteja sendo retirado da mata nativa, no entorno, principalmente os 26% de indivíduos que tem a mata como possibilidade de retirada de alimentos, 20% não possui nenhum dos itens

consultados. Esta grande quantidade de hortas e jardins reforçam a ideia de sobre as QAF- Quintal Agroflorestral, que são sistemas de várias espécies agrícolas em quintais localizadas em regiões periurbanas (ALMEIDA E GAMA, 2014).

O consumo de plantas diversas é proveniente, em sua grande maioria, de hortas e jardins, a origem destes pequenos plantios é derivado de casas localizadas nos bairros mais periféricos da cidade e representam 94% dos indivíduos pesquisados, enquanto que pessoas que possuem hortas e jardins no centro da cidade representam somente 5%, tal dicotomia se deve pela alteração da paisagem e ocupação de áreas antes isoladas, bem como verticalização crescente da cidade, que impede que os moradores da área central tenham quintal como possibilidade de plantação, o que vem alterando assim o modo de vida de muitas comunidades.

CONCLUSÃO

A retirada de plantas nativas das matas no entorno das cidades do Alto Tietê, principalmente de Mogi das Cruzes entre os entrevistados é quase inexistente. Isso indica uma possível diminuição na retirada de plantas nativas de seu habitat natural, já que a preferência do cultivo está canalizada para os locais de moradia.

Existe uma grande quantidade de hortas e jardins com cultivo de verduras sendo cultivadas nos quintais de moradores de bairros e áreas rurais, isso indica que a busca por alimentos saudáveis é uma tendência de estilo de vida moderna.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.S.; GAMA, J.R.V. Quintais agroglorestais: estrutura, composição florística e aspectos socioambientais em área de assentamento rural na Amazônia brasileira. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 24, n. 4, p. 1041-1053, out.-dez., 2014

AMOROZO, M.C.M. 2002. Traditional agriculture, enduring spaces and the joy of planting. In: Albuquerque, U.P. de; Alves, A.G.C.; Silva, A.C.B.L.; Da Silva, V.A. (Orgs.). **Actualities in Ethnobiology and Ethnoecology**. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Ed. SBEE, Recife, PE. p. 123-131.

DALMORO, M., MEDEIROS, L., PAULI, J., AMARANTE, M.V. As lógicas dos produtores invisíveis: Significados culturais na produção agrícola familiar. **REAd** Porto Alegre – Vol. 23 – Nº 3 – Setembro / Dezembro 2017 – p. 92-115.

EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C. M. Contributions of the old urban homegardens for food production and consumption in Rio Claro, Southeastern Brazil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, v. 8, n. 3, p. 745-755, set.-dez. 2013.

FREIRE, A.G.; MELO, M.N.; SILVA F.S.; SILVA, E. 2005. In the surroundings of home and animals in homegarden. **Agriculturas**, v. 2, p. 20-23.

HERRERO-JÁUREGUI, C., POKORNY, B. e CASADO, M. A. Coming down to Earth: a critical analysis of aProject for the commercialization of non-timber forest products in a community of Eastern Amazon. **Pesquisa Florestal Brasileira**, v. 31, n. 66, p. 131-142, 2011.

KRUGER, L.E.; SHANNON, M.A. Getting to know ourselves and our places through participation in civic social assessment. **Society and Natural Resources**, v.13, n.5, p. 461-478, 2000.

OAKLEY, E. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

UNESCO. **Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**, São Paulo, 2009.